

# Desenvolvimento sustentável, humanismo e técnica

RAFAEL DE CARVALHO MORALES\*  
Brasil

## Resumo

A relação entre homem e natureza é o nosso ponto de partida e a base para a reflexão sobre o desenvolvimento sustentável. Este artigo tem como primeiro objetivo problematizar a ideia de natureza do ponto de vista teórico e filosófico. De forma concomitante, trabalharemos os conceitos de “humanismo” e “técnica”, refletindo sobre os limites do pensamento humano bem como das ciências humanas.

## Introdução

É Natureza o primordial, ou seja, o não-construído, o não-instituído; daí a ideia de uma eternidade da Natureza (eterno-retorno), de uma solidez. A Natureza é um objeto enigmático, um objeto que não é inteiramente objeto; ela não está inteiramente diante de nós. É o nosso

---

\* Doutorando em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica, Brasil. rc-morales17@hotmail.com

solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta (Merleau-Ponty, 2006, p. 4).

A rotina de locomoção, trabalho, salário, impostos e consumo molda a vivência coletiva e forma indivíduos que não concebem sua vida além dessa lógica. A administração do tempo é centrada numa racionalidade, que tem a geração de riquezas e de bens materiais como valor moral, uma existência centrada no individualismo utilitário.

A sociedade de mercado tornou-se hegemônica, sustentada pela globalização e pela tecnologia, que tem na internet seu meio de disseminação, agente de livre convivência. As redes sociais fazem o registro de um padrão moral e universal, no qual o humanismo tornou-se verdade tão incontestável quanto a religião católica na Idade Média.

Estamos diante de um tabuleiro onde o humanismo tornou-se hegemônico, a técnica controla e regula o cotidiano. O concreto despejado forma as cidades e os interesses de poucos se tornam verdades, numa racionalidade instrumentalizada. Essa vivência quase robótica tem na natureza um instrumento para obtenção de suas necessidades. O projeto humano é quase total.

[...] não era para o bem das próprias criaturas, mas em benefício do homem, que os pássaros e os animais seriam protegidos em santuários e em parques de vida selvagem. Em 1969, as Nações Unidas e a União Internacional pela Preservação da Natureza definiam ‘preservação’ como ‘o uso racional do meio ambiente afim de alcançar a mais elevada qualidade de vida para a humanidade’.  
(Thomas, 1988, p. 358)

Essa relação homem-natureza inserida no contexto atual de uma sociedade utilitária e mercantilizada tem valor central no consumo, numa sociedade de valores, o consumismo torna-se talvez o maior deles, valoram-se indivíduos através de sua capacidade de compra e de objetos que possuem. Essa sistemática ocasiona uma busca por cada vez mais objetos manufaturados, cujo princípio ético fundamental é o de regulação do mercado, da oferta e da procura, o que descarta os impactos ambientais e humanos causados, tornando-se um fim em si mesmo. “[...] contanto que concebam a vida como um processo

permanente de aumentar a riqueza e considerem o dinheiro como algo sacrossanto [...]” (Arendt, 2016, p. 215).

Este trabalho busca refletir sobre questões contemporâneas, sem o objetivo de dar resoluções finais e criar conceitos estanques, muito menos verdades, afinal, não é essa a pretensão.

O conceito de “análise” pretende diluir os padrões morais para entendimento do fenômeno e servirá como um caminho para o desenvolvimento do texto. Como uma forma de criar conceitos mesmo que incompletos e erráticos, uma busca permanente. A interdisciplinaridade estará sempre presente, pois o conhecimento é livre e deve ser absorvido por todos sem restrição. Criar limites para a busca pelo conhecimento estaria por reduzi-lo.

A busca de sentido resulta sempre numa fórmula, numa construção moldada pela linguagem. Cessaremos a busca por sentido? Preferimos continuar, mas, a saber, que o resultado é vazio e ausente de verdade. Entender essa tensão e esse movimento é a nossa única base de sustentação.

## Desenvolvimento sustentável, humanismo e técnica

*[...] fomos induzidos pela nossa propensão humanista a pensar que estamos realmente aprendendo como dirigir o planeta em sua órbita.*

(Ehrenfeld, 1992, p. 11)

A percepção que David Ehrenfeld tem da relação homem-natureza pode ser entendida como uma manifestação essencialmente moderna, presente na política, na esquerda e na direita, no comunismo e no liberalismo. Ela retoma, de certa forma, a ideia que disseca as grandes ideologias do século XIX, coloca-as na mesma baila. Como utopias antropocêntricas de elevação do homem a um patamar de superioridade. Avançando sobre o autor estadunidense, podemos entender que a teoria ambientalista pode se tornar mais uma ideologia dominante.

A ciência, o humanismo, a técnica e a tecnologia tornam-se valores morais da vida contemporânea. Formas de estruturação de relações sociais, onde tudo é resolvido por meio dessa tríade ciência/tecnologia/

técnica. A tecnologia entra em nosso cotidiano através da televisão, dos computadores, *tablets*, celulares e redes sociais.

A tecnologia nos traz a falsa impressão de que o mundo inteiro está ao nosso alcance e que o conhecimento está a um “*search*” no Google. O conhecimento está sim nos sites de busca, mas qual conhecimento? Ausente de crítica e que só pode ver sentido nele mesmo? A internet tornou-se um ambiente instrumentalizado, as redes sociais captam informações dos usuários e as vendem como perfis de consumo. Há publicidade em qualquer site, tudo pode ser comprado, uma busca no Google feita por um usuário não será exatamente igual a de outro, pois os perfis são sistematizados para que as informações disponibilizadas sejam de acordo com o seu perfil de compra. Nós somos o que podemos comprar, ou o que pensamos que podemos comprar, e é isso que nos define atualmente.

Vivendo essa atualidade mediada, proponho pensarmos o conceito de “estar-no-mundo”, tomado de Heidegger, e em questões essenciais, como: a relação com o lugar que habitamos e a forma na qual o homem atual se relaciona com seu meio, a essência da ideia de humanismo. Estamos no mundo ou queremos o mundo?

Estar nele representa habitá-lo e entendê-lo como extensão de sua vida, pela interdependência, pelo respeito, pela consciência do lugar em que se encontra. Querer o mundo é ter posse e entender o mundo como extensão de sua vida, pela dependência, mas tê-lo como ferramenta e não considerar a coabitação entre homem e mundo. Não é nossa pretensão desqualificar as conquistas da proposição humanística e sim problematizá-la, uma vez que essas duas propensões são pensadas aqui como tensões.

O homem é corda estendida entre o animal e o Super-homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar; perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar. O que é de grande valor no homem é ele ser uma ponte e não um fim; o que se pode amar no homem é ele ser uma passagem e um acabamento. Eu só amo aqueles que sabem viver como que se extinguindo, porque são esses os que atravessam de um para outro lado. (Nietzsche, 2011, p. 9)

A busca de sentido, próprio da experiência humana, encontra no capitalismo e na ideologia liberal de ascensão social um poderoso aliado numa cultura social na qual o trabalho é um valor central. Essa busca, numa sociedade de recompensas hierarquizada, baseia o trabalho como um meio e não um fim. O homem contemporâneo é um ser que trabalha, no entanto, o valor do trabalho, não está centrado na realização, na qualidade como um atributo, ele é voltado para o consumo, para a obtenção de objetos materiais. A mercadoria torna-se um objetivo e princípio essencial de consumação de uma verdade.

Os limites do capitalismo, discussão tão relevante no fim do século XIX e em boa parte do século XX, têm se tornado opacos em nossos tempos. O capitalismo tornou-se predominante e hegemônico. Pensá-lo como uma forma propulsora que, ano após ano, cria riquezas, distribui dividendos, vende produtos, tem no consumismo um pilar essencial. O consumo hoje coloca-se como um valor indiscutível, principalmente em países emergentes como o Brasil.

Entretanto, ao olhar mais de perto, a mundialização se enlaça em uma dupla hélice animada por redes bem diferentes: a primeira, impulsionada inicialmente pelo espírito de conquista no Ocidente, e graças às redes técnicas, econômicas e informáticas, culmina hoje em uma espécie de ‘Leviatã planetário’, uma ‘megamáquina transnacional’, sem centro, nem regulador verdadeiro, com nós deslocalizados e ramificações tentaculares. (Morin, 2001, p. 133)

A sociedade de consumo tornou-se um valor em si mesmo ou, mais do que isso, um valor quase universal. Tendo como horizonte de análise o ocidente, esse panorama já desenha de forma quase total. A globalização avança e o regionalismo perde cada vez mais a sua cor, tornou-se opaco e inimigo do progresso econômico. A ideia de unificação e uniformização de conceitos e de formas de vida parece se sobrepor a qualquer forma ou organização humana. O índio, o caipira, o favelado, o mendigo encontram-se hoje, talvez, como os representantes de uma resistência à conceitos de “consumo”, “sistemas de padronização” e “sistematização da vida humana”.

Esse tripé — natureza, humanismo e técnica — tem formulado cada vez mais uma estrutura de sociedade na qual o capitalismo, através de sua técnica, utiliza a natureza para obter riqueza, criando sobre ele uma aura de capacidade absoluta, ou melhor, de gerência sobre o que o cerca. Compreender o que há por traz dessa busca do homem leva-nos a Freud. Nessa sociedade globalizada e consumista, o princípio da busca pelo prazer tem no consumo um aliado poderoso na manutenção dessa lógica sistêmica.

[...] um processo a serviço de Eros, que pretende juntar indivíduos isolados, famílias, depois etnias, povos e nações numa grande unidade, a da humanidade. Por que isso teria de ocorrer não sabemos; é simplesmente a obra de Eros. Essas multidões humanas devem ser ligadas libidinalmente entre si [...] (Freud, 2014, p. 49)

Vinculados libidinalmente à civilização, nossa capacidade de padronização e de instrumentalizar qualquer objeto que produza riqueza é resultado e consequência da relação humana com a natureza, caminho do homem para quase tudo. Desde o alimento, até o seu descanso, mas também, fonte de energia, combustível, instrumentos e uma infinidade de objetos. Pensar o homem desde Adão e sua relação com a natureza vem sendo objeto da filosofia, da arte e das ciências.

As ideias contemporâneas conhecidas como ecologia, desenvolvimento sustentável, ambientalismo, entre outras, buscam compreender e classificar o “comportamento da natureza” e serão utilizadas para exemplificarmos a relação entre homem-natureza.

Como todas as palavras que designam uma ideia muito geral, a palavra natureza parece clara quando a empregamos mas, quando sobre ela reflectimos, parece-nos complexa e talvez mesmo obscura. Também os dicionários comuns, enciclopédias da ciência comum, não se comprometem. Definem a natureza deste modo: “O conjunto das coisas que existe naturalmente” e se, para obter mais esclarecimentos, procuramos uma explicação no advérbio “naturalmente”, encontramos: “naturalmente pelas forças da natureza, de modo natural”. (Lenoble, 1969, p. 183)

O mundo contemporâneo torna-se atomizado e funcional, nos poucos espaços públicos de convivência, todos se encontram conectados com outros espaços virtuais. Vivemos uma era de ausência presente. O eu torna-se heroico porque é covarde demais, fraco demais. Ele “se sacrifica” porque espera ganhar. Por isso, a técnica mostra-se como a promessa da resolução total do problema. Um dia, pensa o filósofo implicitamente, ele conseguirá alijar toda miséria. De maneira aflitivamente míope, ele deixa de ver o aspecto destrutivo da invenção (Sloterdijk, 2012, p. 602).

A ideologia burguesa de acumulação de bens e riquezas é a realização de uma vocação universal, de um projeto ocidental político que se coloca como inquestionável, utilitário em sua essência, desqualifica moralmente alternativas de reflexão e entendimento. O humanismo é um componente desse pressuposto, que na liberdade individual se materializa de forma utópica, ideológica e totalizante.

O projeto humanista é como uma locomotiva, entende o homem como capaz de realizar tudo, torna-se herói. Vivemos a religião da humanidade e a técnica é o “espírito santo” que abençoa toda atividade, dando justificativa e relevância para suas obras. Valores como intenção, sentimento e intuição são “quase” práticas xamânicas num ambiente ocidental instrumentalizado.

Essa filosofia da técnica apresenta-se como heroica e otimista, pois compreende o homem como aquele que prossegue a criação do cosmos. Ela jamais poderia se resignar diante da miséria preponderante, mas a partir daquele quarto império precisa ultrapassar cada vez mais figuras novas, nas quais as soluções de todas penúrias já se encontravam desde sempre dormitantes e só “aguardavam” a descoberta. (Sloterdijk, 2012, p. 602)

A ideia de humanismo molda nossa vivência como uma ética contemporânea. “O humanismo é o fundamentalismo da nossa cultura, é a religião política do homem ocidental globalizado, uma atitude que se julga tão bondosa e perspicaz que desejaria ver-se imitada por toda a parte” (Sloterdijk, 2007, p. 95), afirma Peter Sloterdijk, em *Sol e Morte*. É preciso formar uma nova articulação do pensar e da produção de

conhecimento, nossa história nos trouxe grande conforto, o homem mostrou-se capaz de produzir satisfação e segurança para apaziguar os seus medos. Mas será isso realmente possível? A instrumentalização da vida classifica tudo, até a felicidade. Apesar do humanismo por definição diferenciar-se da religião, ele torna-se a religião contemporânea formadora da verdade, métodos e valores.

Dessa forma, Sloterdijk afirma que “o dilema ético dos modernos radica no fato de pensarem como vegetarianos e viverem como carnívoros, em nós a ética e técnica nunca correm em paralelo” (Sloterdijk, 2017, p. 107).

Produção animal em escala, desmatamento de florestas, extinção de espécies e pesca predatória são alguns exemplos da ética humanista, de assunção da superioridade do conhecimento humano sobre a natureza. Esse pressuposto arrogante, que produz riquezas imediatas, lucros imensuráveis e uma relação com o seu meio, totalmente mediada e instrumentalizada.

[...] a condição humana e os limites do globo eram um sério obstáculo a um processo que, de um lado, não podia parar nem estabilizar-se e que, por outro lado, só podia provocar uma série de catástrofes destruidoras, quando atingisse esses limites. (Arendt, 2016, p. 214)

Michel Foucault discute entre outros aspectos em *O Nascimento da Biopolítica*, que a razão atua por meio do Estado para definir, controlar, verificar, vigiar e punir. O esforço do Estado neoliberal é de garantir o funcionamento da empresa capitalista, ou seja, a arte de governar para que não haja interferência aos princípios da economia de mercado. A sustentabilidade, como proposta de mudança de valores por parte do homem contemporâneo, está inserida nesse contexto. A sustentabilidade é uma crítica ao capitalismo, mas não se opõe a ele de maneira radical. A economia de mercado continua sendo um valor integral do nosso tempo e a sustentabilidade não busca sua anulação. Não há na sustentabilidade uma proposta de comunidade e sim de equilíbrio capitalista. Entre o lucro e a manutenção de uma floresta tropical, não há dúvidas atualmente de qual será a escolha.



O homem contemporâneo torna-se o vetor da tecnologia criada por ele, vivemos uma era onde tudo é “coisificado”, a mão humana cerca tudo e todos, e como coloca Nancy Mangabeira Unger, “rompe-se o diálogo entre o homem e o mundo, porque este se torna estático, morto, coisificado. Nosso percurso civilizacional é, então, governado por esta tiranização do real” (Unger, 2001, p. 35). Tudo se torna objeto desse homem moderno, inclusive a natureza.

Heidegger, em *A época das imagens do mundo*, discorre sobre as consequências da especialização da ciência:

Quanto mais, porém, a ciência e os pesquisadores levam a cabo a sua configuração moderna (especialização), mais inequivocamente poderão se colocar a serviço, a espontânea e imediatamente, da utilidade pública, e mais irrestritamente deverão se retirar para a condição de irrelevância oficial que caracteriza todo trabalho útil a coletividade. (Heidegger, [s.d.], p. 6)

Criam-se ofícios técnicos e especializados, a especialização do conhecimento desdobra-se em profissões específicas, como torneiro mecânico, operador de telemarketing, publicitário, técnico em recursos humanos e administrador de empresas. Vivemos em busca de resolver nossos problemas cotidianos, que são essencialmente problemas técnicos e que tomam o sentido de nossa vida.

O corpo humano na sociedade do trabalho e da luta já se mostrava há muito tempo como prótese, antes de se ter precisado substituir partes faltantes por partes técnicas funcionais. (Sloterdijk, 2012, p. 590)

Esse pressuposto humanista também pode ser compreendido por meio de Martin Heidegger e da sua concepção da técnica moderna, empreendida sempre no sentido de explorar. Heidegger exemplifica a técnica moderna através da energia produzida pela usina hidrelétrica do Reno, mas que pode se enquadrar em qualquer usina hidrelétrica do mundo, “extração da energia escondida na natureza, transformação, estocagem, distribuição e reprocessamento” (Heidegger, 2008, p.

20), e estabelece assim uma relação de exploração com a natureza e, como já vimos através de Nancy Mangabeira Unger, de coisificação da natureza. A natureza torna-se um instrumento para um fim específico. O humanismo instrumentaliza tudo, no caso do desenvolvimento sustentável, ele instrumentaliza a natureza.

Peter Sloterdijk chama a atenção, nesses trechos, para o distanciamento do homem. Em nossa sociedade de massas, atomizada e técnica, nos colocamos os dilemas, porém sem nos colocarmos como dilema. Pensamos o mundo, o mundo no homem, mas não pensamos o homem. Essas reflexões são urgentes e necessárias para entendermos as consequências de nossas ações, do que e sobre quais bases estamos produzindo. O homem tornou-se uma máquina de realizações, mas não se interroga sobre as consequências dessas realizações e sobre o porquê dessas realizações; o desenvolvimento sustentável parece ser mais uma delas e a mais atual.

Torna-se fundamental pensar o homem sobre o paradigma do que ele pode e do que ele não pode. Pensar o homem como ser. Pensar o homem na sua consciência, mas também na sua insciência.  
(Nietzsche, 1992, p. 9)

Desconstruir a ideia do humanismo é desconstruir a ideia de que o homem deve se emancipar ou deixar de acreditar no potencial emancipador do homem. Diante disso, a proposta é refletir sobre o nosso tempo e sobre as bases conceituais da ideia de homem, de suas construções e relações humanas, problematizando possíveis consequências. A hipótese levantada aqui é de como o humanismo, ideia que pretende dar ao homem capacidades que vão além dele, torna-se uma criação de conhecimento humana que domestica o próprio indivíduo.

No humanismo, na ciência e na tecnologia há algo de muito comum. A crença no homem e na capacidade dele em solucionar problemas, ditar o seu futuro e daqueles que entende como pertencentes do seu grupo. A sustentabilidade apresenta-se como proposta do homem capaz de controlar a natureza e relacionar-se com ela de forma harmônica. Produzir cultura e riqueza em plena harmonia com a natureza e com seus iguais. Não basta mais a igualdade social e a liberdade

entre os homens, é preciso estabelecer a harmonia entre o homem e a natureza.

O homem contemporâneo encarna essa ânsia por objetos. A sua busca incessante por sentido, nesse contexto da contemporaneidade, é ausente de crítica. O século XX e a polarização ideológica sustentaram o mito do ser pensante e crítico, que busca se libertar da alienação capitalista, que resultou na alienação de esquerda e criou a figura do militante político “messiânico”. No entanto, o pensamento crítico precisa ser retomado, uma vez que o capitalismo não deixou de ser alienante. A crítica de uma sociedade capitalista contemporânea parece urgente. A sociedade capitalista ocidental globalizada é a era do conforto físico e mental. O ofício de pensar, de refletir e de se jogar contra o que está a nossa frente parece esquecido. Prefere-se a tranquilidade e a normalidade, vivemos uma sociedade medicalizada, busca-se cura para tudo, o sofrimento é um mal. Pensar é sofrer, é colocar-se em desconforto, em guerra consigo mesmo e contra o que está em volta.

## Conclusão

O desenvolvimento sustentável exercido em nossos tempos é mais um instrumento que tem como resultado a coisificação desse homem, esquecendo-se de si. Dessa forma, remeto meu pensamento à ideia de Camus em *O Mito de Sísifo*, pois no homem contemporâneo “Cultivamos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar” (Camus, 2010, p. 21).

Sloterdijk problematiza o humanismo ao colocar um componente político, no qual um projeto dito humanista pode criar o humano tanto para ser pequeno quanto para ser grande. A antropotécnica, conceito introduzido por Sloterdijk, utiliza meios de domesticação para dividir a humanidade em dois tipos, os que obedecem e os que mandam. Aquele que obedece o faz por hábito familiar, de classe e até por comodidade.

Pois obedecer não traz responsabilidades, não traz o peso das escolhas e das decisões, tornando o homem infantilizado e incapaz. Esse homem não pensa de forma crítica, não articula seu pensamento em questionamentos. O humanismo mostra seu componente político e alienante.

Essa perspectiva política pode ser vista na prática capitalista atual de transferência de mão-de-obra operacional para países de terceiro mundo. A antropotécnica dá a referência de como são selecionados os humanos mais aptos a trabalharem em condições degradantes, que são especialmente encontrados em países pobres e na periferia mundial. Americanos, alemães, franceses ou italianos não são selecionados para trabalhos degradantes e sim chineses, bengaleses, bolivianos, entre outros. Somam-se casos de trabalhadores que sofrem com jornadas extensivas e condições degradantes, como temos visto em empresas de tecnologia e do setor têxtil. A sustentabilidade, como proposta de reformulação capitalista, não se mostra capaz de fazer essa crítica.

Daí o lado ainda mais perverso do humanismo, de seleção, definição e categorização do homem. Utilizando da retórica do emprego, do desenvolvimento e do progresso para atingir o lucro máximo através da exploração máxima. O panorama da gênese capitalista continua, só que numa configuração geográfica diferente. Relatos de exploração capitalista não são vistos ou ouvidos nessa escala, em países ricos e ditos desenvolvidos. Essa face mantém-se, só que nas periferias do mundo globalizado.

É preciso trabalhar conceitos como o esquecimento do ser no homem contemporâneo, do humanismo como valor e do homem perdido no novelo da técnica moderna, e assim buscar entender que tipo de homem é o homem contemporâneo. Pois o que parece é que a técnica, o humanismo e a sustentabilidade tornaram-se instrumentos e o homem perdeu-se com medo de se jogar contra si mesmo. Medo de si mesmo.

“A reflexão é a coragem de tornar dignos de questionamento, no mais alto grau, a verdade das próprias premissas e o âmbito dos próprios propósitos” (Heidegger, [s.d.], p. 1).

## Referências

- Arendt, H. (2016). *Origens do totalitarismo, antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Camus, A. (2010). *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record.
- Ehrenfeld, D. (1992). *A arrogância do humanismo*. Rio de Janeiro: Campus.
- Foucault, M. (2008). *O Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Freud, S. (2014). O mal-estar na civilização. Trad. Paulo César de Souza. Em *Sigmund Freud, Obras completas*. (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras.
- Heidegger, M. (2008). *Ensaio e conferências*. Bragança Paulista: Vozes.
- Heidegger, M. (s.d.). *Serenidade*. Lisboa: Pensamento e Filosofia.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *A natureza*. São Paulo: Martins Fontes.
- Morin, E. (2001). *O Método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre: Sulina.
- Nietzsche, F. (1992). *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Sloterdijk, P. (2007). *O Sol e a Morte: investigações dialógicas*. Lisboa: Relógio D'água.
- Sloterdijk, P. (2012). *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Thomas, K. (1988). *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Unger, N. M. (2001). *Da foz à nascente: o recado do rio*. São Paulo: Cortez.